

LITERATURA & LOUCURA: A CASA VERDE E OUTRAS QUESTÕES N'O ALIENISTA, DE MACHADO DE ASSIS*

*Andrea Czarnobay Perrot***

RESUMO

O presente trabalho visa, inicialmente, a estabelecer relações entre o mundo real e o mundo ficcional, no que diz respeito à questão da loucura. Estabelecida a discussão em torno deste tema – a loucura –, e utilizando, para tanto, exemplos da literatura universal datados do século XIX, será abordada a obra de Machado de Assis intitulada *O Alienista*, na qual, sendo a loucura um aparente foco principal, descubra-se o verdadeiro uso que dela faz Machado de Assis, ou seja, serão estudadas as questões que se “escondem” por detrás da criação da Casa Verde. Atenção especial será dada à criação de uma instituição fechada para tratamento e estudo da alienação mental.

LOUCURA: A LITERATURA E O SÉCULO XIX

Falar de literatura e loucura no século XIX implica, primeiramente, tecer algumas considerações de uma e de outra, em separado, para, após, comentar a unidade que existe entre esses dois assuntos, à luz de algumas obras que a exemplifiquem. A literatura do século XIX, na extensão que será utilizada neste trabalho, encontra-se mergulhada numa atmosfera cientificista. Essa é a condição que leva à loucura como tema: a ciência da época debate a imposição de limites entre o normal e o anormal, tenta compreender a loucura como algo que não seja, simplesmente, oposto à “saúde moral”.

Ao longo das épocas, o conceito de loucura passou por várias modificações, resultando desse processo não uma única, mas várias definições, de acordo, também,

* 2º prêmio do Concurso de Monografias “A obra de Machado de Assis” (Prêmio CESPUC/Minas Gerais 5/99).

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

com a perspectiva adotada: científica (médica), moral, religiosa, poética (literária).

A abordagem cientificista da loucura encontra um documento importante no *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental*, ou *Traité*, de Pinel, publicado em 1801 e republicado em 1809. Esta obra inaugura a Psiquiatria como especialidade médica. A partir daí, podemos construir uma caracterização da loucura não como perda total da razão, mas como se fosse apenas uma contradição dentro da razão, que continua a existir. Assim, a concepção teórica de Pinel entende a loucura como um comprometimento ou lesão fundamental do intelecto e da vontade, manifestando-se no comportamento dos indivíduos sob as mais variadas formas.

Ainda no *Traité*, encontramos questões de ordem moral inclusas na conceituação da loucura. A segunda seção, intitulada “Caracteres físicos e morais da alienação mental” já prevê esse enfoque. Características físicas do doente, ou seus sintomas, tais como convulsões, gestos lascivos e calores internos são chamados de vícios, deixando à mostra as preocupações moralizantes do tratamento proposto por Pinel.

A religião também encontra espaço no conceito de loucura. Muitas seitas religiosas do início do século XVIII ver-se-ão presas ao debate entre a experiência religiosa e o desatino. Segundo as palavras de Voltaire, ao comentar que a inspiração dos líderes religiosos, em seus sermões, não era, necessariamente, a “palavra de Deus”, podendo ser fruto da verbosidade insensata do desatino, “não podemos saber se um homem que se levanta para falar será inspirado pelo espírito ou pela loucura”. (Foucault, 1978, p. 462)

Passemos, então, à literatura. Como ela vê e conceitua a loucura? Tema recorrente desde a poesia épica de Homero e dos textos das tragédias gregas, a loucura na literatura é concebida de outra maneira. Representa uma concepção dramatizada da natureza humana e de seus desvios, como parte do imaginário popular das épocas nas quais estão inseridas. Segundo Isaias Pessotti, na Antigüidade a loucura fascinava os trágicos gregos como sinal da precariedade da razão humana. Na modernidade, a loucura passa a representar o fascínio de uma vida irresponsável e de um pensamento livre, sem âncoras, como se a loucura pudesse trazer benefícios que a racionalidade não nos oferece. É, sem dúvida, uma “glamourização” da mesma.

Mas, e a loucura na literatura do século XIX, como foi vista, retratada e interpretada? A unidade, anteriormente citada, entre a loucura e a literatura, é focalizada em diversas obras de autores significativos do século XIX.

Anton Tchekhov, em seu conto “Enfermaria n. 6”, aborda uma temática semelhante à de *O Alienista*, de Machado de Assis. A história de um médico que, questionando o que é ser normal e o que é ser louco, torna-se “vítima” da própria instituição na qual desenvolve seus questionamentos, é enfocada de formas diversas pelos dois autores. Enquanto o texto de Tchekhov é sério e pesado, numa crítica mais

severa e até mesmo mais social ao problema dos limites entre sãos e loucos, o de Machado é irônico, chegando a ser, em certos momentos, até humorístico, assumindo ares de sátira à doutrina cientificista da época, caricaturando personagens e situações por eles vividas.

Já Guy de Maupassant, em alguns de seus contos do gênero fantástico, cria uma atmosfera em torno de acontecimentos narrados que levam à percepção de uma existência atormentada, dominada pela inquietude. Narra acontecimentos estranhos, vivenciados por espíritos inquietos: uma concepção de loucura bem ao gosto dos termos cientificistas da época. “Carta de um louco” e “O Horla” (primeira e segunda versões) exploram o debate entre a ciência e o desconhecido. Na “Carta”, Maupassant, através da carta de um homem a um médico, relatando fatos que o levam à crença da necessidade de receber um tratamento médico, explora os sentidos do homem que, segundo sua perspectiva, são enganadores, pois são insuficientes para fazer-nos conhecedores da realidade absoluta que nos cerca. Em “O Horla” (primeira versão), um alienista solicita a um paciente que relate, ele próprio, o seu caso a um grupo de médicos e sábios, por ele reunidos, para ajudá-lo em seu tratamento. O doente é o mesmo da “Carta”. “O Horla” (segunda versão) é uma narrativa em primeira pessoa sob a forma de um diário. O doente ainda é o mesmo das outras duas histórias. Em Maupassant, a loucura liga-se à temática do duplo, liga-se à quebra da identidade, à inexistência de um limite entre o “eu” e o mundo.

Na literatura brasileira, Machado de Assis notabiliza-se pela abordagem que faz da loucura em alguns de seus contos (entre eles, o mais conhecido, **O Alienista**) e no romance **Quincas Borba**. Neste, conta-nos a lenta trajetória de Rubião, da riqueza e do prestígio à loucura e ao abandono. A loucura, aqui, é representada pela doutrina filosófica de Quincas Borba, o “Humanitismo”. Sobre **O Alienista**, espaço especial lhe será reservado neste trabalho, enfocando a questão do manicômio e outras, não menos importantes, que surgem nas entrelinhas da leitura.

A seguir, um breve histórico do surgimento dessa instituição e de como ela era vista no século XIX.

LOUCURA: O SURGIMENTO DA INSTITUIÇÃO

Em sua **História da Loucura**, Michel Foucault dedica um capítulo ao nascimento do asilo. Nele, traça um histórico das condições que, no final do século XVIII, na França e na Inglaterra, propiciaram o surgimento de uma instituição para o internamento e tratamento dos doentes mentais.

Inicialmente, na França, sob o título de “casa dos pobres”, é construída a famosa *Bicêtre*, onde eram abrigados, misturados entre si, indigentes, velhos, condena-

dos e loucos. A loucura só adquire o estatuto de problema médico com a chegada de Pinel, num momento em que ele já havia adquirido certa reputação no conhecimento das “doenças do espírito”.

Anteriormente, a loucura era tratada como problema social, moral e até religioso, de acordo com os conceitos já comentados na seção anterior. O processo de reconhecimento e de tratamento da loucura como tal se inicia com as chamadas “sociedades de amigos”, na Inglaterra do final do século XVIII, cujo maior e mais influente exemplo foram os Quacres.

A legislação inglesa da época favorecia o domínio da iniciativa privada na assistência aos pobres e doentes, por razões ao mesmo tempo econômicas e políticas. Através de coletas e donativos, os Quacres reuniam fundos para o cuidado de seus membros pobres e/ou doentes, desonerando o Estado dessa obrigação. Porém, surge uma questão: as “sociedades de amigos” devem cuidar apenas de seus membros ou podem, também, dispensar cuidados a membros de outras comunidades que não a sua própria? Passam, então, a aceitar cuidar de enfermos de outrem, mas o internamento, nesse caso, será arbitrário. Ninguém pode interferir na espécie de cuidados que será aplicado ao sujeito, já que, além de pobre e doente, o recolhido não pertence àquele grupo, àquela comunidade.

Surge o projeto, então, de uma casa privada, mas coletiva, destinada aos insensatos, como um dos inúmeros protestos contra a velha legislação dos pobres e dos doentes. Inicia, pois, em 1795, a construção de um Retiro, o empreendimento de Samuel Tuke, um membro importante dos Quacres. Esse Retiro pertence a uma série de medidas com as quais o Estado burguês inventa, para seu próprio favorecimento, a beneficiência privada. Vê-se, aqui, que a criação de uma instituição privada para o internamento de doentes (mentais ou não) tem motivação política e econômica. Importante ressaltar, ainda, que o Retiro de Tuke era uma imensa casa de campo, de acordo com uma visão de integração do doente com a natureza.

Quanto às estratégias de tratamento empregadas nesse Retiro, o convívio com a natureza provém da idéia de que a loucura não é uma doença dela ou do próprio homem, mas da sociedade: emoções, incertezas, agitação, alimentação artificial, todas essas são causas da loucura, admitidas por Tuke e seus contemporâneos. Daí a necessidade do Retiro ou Asilo: nessa vida agrícola imposta aos seus doentes, espera-se que a natureza faça aflorar a razão, enquanto tudo que a sociedade pôde depositar no homem, contrário a ela, seja rechaçado. O Retiro coloca o doente em diálogo com a natureza mas, ao mesmo tempo, edifica um grupo social. É um grande paradoxo, mas vai ao encontro das idéias apresentadas no *Traité*, de Pinel. O Retiro se alimenta do mito da família patriarcal, pretende ser uma comunidade fraterna sob a autoridade de seus diretores e administradores. Uma família rigorosa, conforme a grande imagem da família bíblica.

Pinel, em seu *Traité*, fala exatamente isso: o tratamento moral por ele indicado para a alienação mental é, na verdade, uma tarefa de reeducação, para enquadrar o comportamento desviante dentro dos padrões éticos. Ou seja, o paradoxo aí está presente: afastando-se o doente dos males da sociedade, reeduca-se esse mesmo doente, de acordo com padrões da sociedade que fez aflorar nele a doença mental. É criado, então, um novo grupo social. O que constitui a cura do louco, para Pinel, é a sua reconstrução, reedificação, num tipo social moralmente reconhecido e aprovado.

O poder mítico do Retiro é esse: afastar o doente de todas as impurezas que a sociedade pôde nele depositar. O papel do internamento é, por assim dizer, o de reduzir a loucura à sua verdade, ou seja, afastá-la do mundo e da sociedade. O Retiro deverá agir como meio de segregação moral e religiosa. O internamento clássico criou um estado de alienação que só existia do lado de fora. Pinel e Tuke interiorizaram a alienação, instalando-a no internamento. Com a criação do Retiro, o terror livre da loucura foi substituído pela angústia fechada. No Retiro, delimita-se e exalta-se uma região de responsabilidades simples, deveres do doente dentro da estrutura patriarcal que ali opera. Toda manifestação da loucura será ligada a um castigo. Surge o medo, presença constante na instituição, imperando no subterrâneo da consciência do doente.

Enfim, para Tuke, o Retiro tinha a função de reconstituir um meio onde seriam imitadas as formas mais primitivas da existência, a mais humana e a menos social possível. Já para Pinel, tratava-se de um local onde os doentes poderiam ser, antes de tudo, observados com detalhe e reeducados, sendo a sua visão de loucura tipicamente moralista.

Passemos, agora, a **O Alienista** e à sua Casa Verde, cotejando-o com as idéias expostas até agora, sem deixar de lado outros aspectos da obra, presentes por trás da questão da loucura, mas não menos relevantes.

O ALIENISTA: A CASA VERDE E OUTRAS QUESTÕES.

Machado de Assis, n' **O Alienista**, propõe o problema da delimitação de fronteiras entre o normal e o anormal na mente humana. Através de procedimentos profissionais rigorosos, a personagem principal deste conto/novela, o médico Simão Bacamarte, simboliza uma ciência fria, totalmente baseada na razão, única fonte de conhecimento.

Em um tom que remete à forma tradicional dos contos populares, o tema da loucura vai sendo desenvolvido com a ironia característica da prosa machadiana. Simão Bacamarte não é um indivíduo, mas, sim, um tipo. A loucura encontra nele seu maior representante nesta história, pois ele é a encarnação de uma idéia ou, mais

cientificamente falando, é a encarnação de uma mania. O médico é um maníaco. As diferenças entre ele e aqueles que quer analisar e curar são insignificantes. A sua monomania, porém, é ainda mais grave, já que se manifesta quando o médico analisa o comportamento dos outros. Durante a história, a voracidade científica do Dr. Bacamarte aumenta, não conhecendo limites. A mania alimenta-se de si mesma, da convicção que tem de ser a razão.

É o seu extremo racionalismo, e não o devaneio, que leva o médico ao desatino. O Dr. Bacamarte é uma pessoa inteiramente consagrada aos livros, rodeado de autores célebres, aceitando as prescrições da ciência como leis e confundindo todo esse conhecimento na sua própria noção de ciência.

Mostrando-nos tudo isso com um tom de ironia que lhe é muito peculiar, Machado critica, as teorias científicas da época, principalmente o Positivismo. O **Alienista** é, portanto, uma crítica, dessa forma, às idéias que orientaram o século XIX, uma grande sátira da crença desmesurada nos poderes da ciência.

As falhas nas previsões de que D. Evarista seria a mulher ideal, em termos biológicos, para dar-lhe uma prole robusta e saudável, ao invés de mostrar-lhe a falibilidade da ciência, como seria o esperado, causa-lhe efeito inverso. A partir daí, passa a dedicar-se ainda mais a ela, agora dando especial atenção ao “recanto psíquico”, num lance genial de previsão de sua própria alienação mental que está por vir.

Inicialmente, a questão é particular. Diz respeito a ele, e somente a ele, o fato de ser um cientista e um médico “geniais” e de prestígio assegurado na sociedade em que vive. Porém, sua ambição por descobertas científicas e o cultivo de sua vaidade não podem dispensar os outros.

Cria-se, então, a Casa Verde, símbolo da passagem de uma obsessão individual para a busca de uma verdade e de um bem coletivos. Bacamarte manda construir a Casa Verde a fim de poder estudar profundamente a loucura e os seus diversos graus, de classificar-lhe os casos, de descobrir, enfim, sua causa e seu remédio universal. Isso está bem de acordo com as idéias da época, mais precisamente com as de Pinel, que vê na observação demorada e detalhada da conduta dos pacientes o caminho ideal para ordenar o caos de sintomas que se apresentam ao médico. Deriva dessa concepção o apego de Pinel à instituição hospitalar como condição para um correto diagnóstico.

“A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades, fora daí insânia, insânia e só insânia”, diz Simão Bacamarte (Assis, 1992, p. 18). A internação dos primeiros pacientes na Casa Verde parece respeitar a noção de loucura corrente na época.

Bacamarte, como seu próprio nome indica, cego pela vaidade e obsessão que confunde com a verdadeira ciência, sai pela cidade “à caça” de loucos. Seu poder e prestígio científicos levam-no à obtenção de um poder político. A população da cidade passa a temê-lo, e ele já tem influência até sobre a Câmara de Vereadores. Per-

cebe-se, aí, que Bacamarte, por mais abnegado que possa parecer, inequivocamente, dentro de si, nutria um forte sentimento de ambição, uma forte vontade de ser alguém a diferenciar-se da grande maioria de seus semelhantes.

Machado de Assis caracteriza Simão Bacamarte baseando-se em traços da personalidade do homem normal para, ao exagerá-los, indicar que a loucura daí provém. É sugerido, então, que as fronteiras entre o normal e o anormal são tênues. Assim pensavam os estudiosos da mente no século XIX: a loucura era apenas um “desarranjo” da razão, nunca deixando ela, a razão, de existir.

Mas, percebamos a crítica sutil de Machado: ele faz com que a personagem que pensa como os cientistas em voga na época seja Simão Bacamarte, o maior (e talvez o único) doente mental da história. Ao contrário de algumas idéias da época, Machado pensa serem os vícios parte integrante da nossa normalidade. Já Pinel considerava os vícios como fatores que levariam à loucura, na sua visão moralizante de tratamento da alienação mental.

O mais importante, porém, n’**O Alienista** de Machado de Assis, é o não-dito, aquilo que podemos ler por detrás da sátira às teorias médicas do século XIX. A leitura acurada deste magistral conto machadiano revela-nos alguns aspectos a serem refletidos.

A questão do poder é, talvez, o principal deles. Através de seu prestígio científico, misto de respeito e medo da população de Itaguaí, Simão Bacamarte passa a gozar de uma espécie de poder político. O fato de ele ser o único detentor do saber científico na cidade o coloca acima dos outros habitantes, conferindo-lhe poder também político.

Outro ponto ao qual podemos nos deter um pouco é a vaidade, a ambição de Simão Bacamarte. É a tomada destas como obsessão que leva às “experiências” do médico com a população e, conseqüentemente, ao surgimento e agravamento da sua própria monomania.

A frieza e a tirania da ciência cegam o médico, mecanizam-no, fazendo com que ele não considere mais nada como verdade, somente a ciência e os limites que por ela são impostos. Simão Bacamarte sacrifica toda e qualquer idéia, sua ou de outrem, em função do que dita a ciência, única e legítima detentora do saber, numa visão bem ao gosto da filosofia positivista de Augusto Comte, em voga na época. Como conseqüência disso, ele próprio torna-se vítima da tirania científica que instaurou na cidade, admitindo e reconhecendo seu próprio desequilíbrio mental.

Por fim, um questionamento que é suscitado pela leitura reflexiva de **O Alienista** é a capacidade do ser humano em delimitar situações: com que autoridade delimita-se o que é certo/errado, falso/verdadeiro, louco/são? O que fazia de Simão Bacamarte alguém capaz de decidir quem deveria ser internado ou não na Casa Verde? O seu conhecimento científico, ou seja, o poder que adquiriu ao tornar-se a úni-

ca autoridade médica da cidade? A questão do poder, portanto, é recorrente em diversas instâncias de análise da obra.

É de riqueza fantástica uma obra tal que, num primeiro momento, pode levar-nos a pensar que trata apenas de um assunto, a loucura. Por si só, esse tema remete a um debate que gira em torno do sentido da existência. Em Machado, essa possibilidade desdobra-se em muitas outras, demonstrando-nos a maestria desse consagrado escritor.

Ao analisarmos a figura de Simão Bacamarte, podemos perguntar a nós mesmos até que ponto também somos obsessivos na luta por nossos ideais. A loucura, vista como ditadura de uma idéia fixa, não faz parte do nosso cotidiano, aparentemente normal?

Como fechamento de todo esse debate, iniciado na obra e levado adiante a cada nova leitura que dela for realizada, Simão Bacamarte, por fim, tranca-se, ele próprio, no retiro que construiu, a Casa Verde, vítima da concepção errada de loucura que formulou, baseado em sua crença cega no domínio da ciência sobre todas as coisas.

RESUMEN

Este trabajo busca, al principio, establecer relaciones entre el mundo real y el mundo ficcional, emn lo que dice respecto a la cuetión de la locura. Establecida la discusión alrededor del tema – la locura – y, lanzando mano, para esa, de ejemplos de la literatura universal del siglo XIX, se abordará la obra de Machado de assis que se llama **O Alienista**, en la cual, siendo la locura un aparente foco central, se descubre el ver-dadero uso que de ella hace Machado, o sea, se estudiarán las cuestiones que se “esconden” por detrás de la creación de la Casa Verde. Atención especial se dará a la cuestion de la creación de una institución cerrada para el tratamiento y estudo de la alienación mental.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Ática, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MAUPASSANT, Guy de. **Contos fantásticos**. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- MURICI, Kátia. **A razão cética**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. As desventuras da razão, p. 33-49.
- PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as épocas**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- TCHEKHOV, Anton P. **Antologia do conto russo VI**. São Paulo: Lux, 1962. Enfermaria n. 6.
- VÁRIOS AUTORES. Dossiê Literatura & Loucura. **Cult, Revista Brasileira de Literatura**, São Paulo, n. 7, p. 49-64, fev. 1998.